

quando que as suas bailarinas nos deleitam, apenas dançando, dançando numa seqüência feliz de movimentos e combinações que contornam como um festão, como uma renda, como uma moldura, os passos difíceis das solistas, a que, única figura masculina, Gavriloff, de preto e branco, dá, por vezes, a mão de pagem namorado.

II

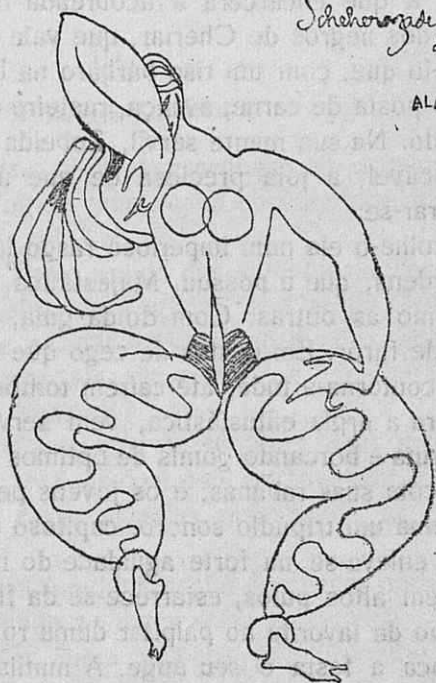
CHÉRAZADE

É na atmosfera lasciva dum harêm das *Mil e uma noites*. Vai ausentar-se, para a caça, o sultão Cheriar — um rei de baralho de cartas, barbudamente ideado por Bakst à semelhança dum pavão faustoso — que repousa os últimos instantes ao lado de Zobeida, a favorita, enquanto, para lhe guardar nos olhos a retornadora saúde das carícias que o ficam esperando, três das suas bailadeiras vibram, provocadoras, numa ardente dança de despedida, finda a qual, todas o afagam e cuidam de compor e armar.

Parte o sultão, grotesco e temido.

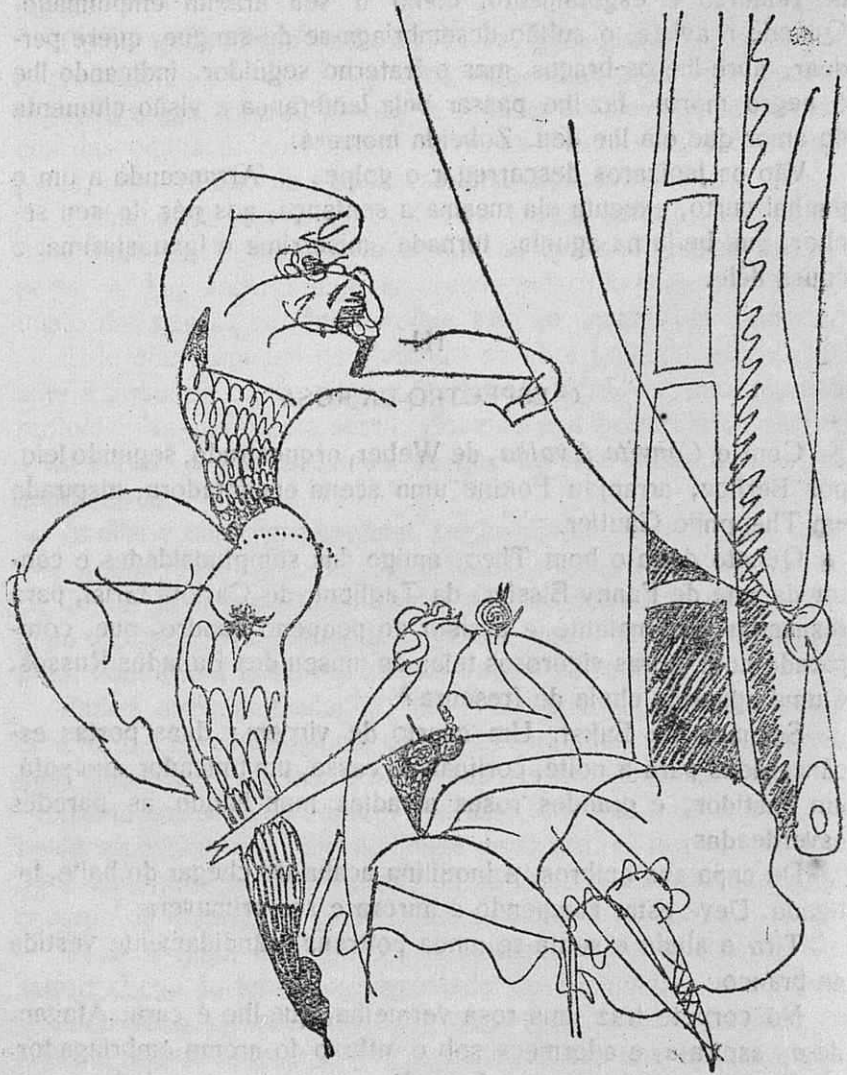
Abandonadas, as escravas lastimam, não a falta do rei, mas a impresença do homem, que, pançudo e vermelho, o gran-eunuco agrava, com três chaves douradas pendentes do cinturão.

Ao fundo, três portas azuis, mosqueadas de prata, imitam retalhos de céu. Para lá, é o *salemlik*, onde vivem os escravos vigorosos. A malícia das enviuvadas torna-se em galanteio à roda



ALMADA

Não tarda em se lhe aproximar, desafiando-a a segui-lo, ao que ela não resiste. Dançam depois unidos, toma-os o arranco voluptuoso da valsa, e, sem ter acordado, volta a dormir quietinha.

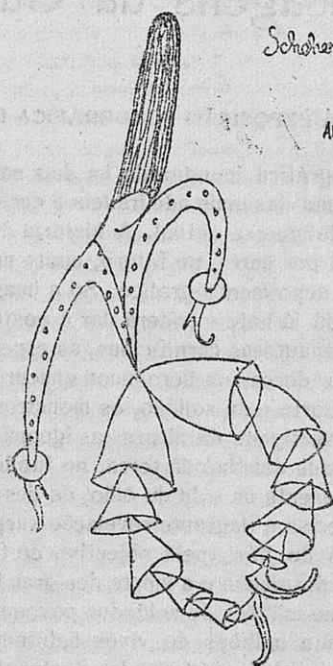


Antes de se sumir noutro salto inesperado, o par beija-a na bôca — rosas acasaladas! É talvez manhã. A rapariguinha desperta finalmente, apanha a flor que deixara cair, e, colando-lhe os lá-

bios, em busca de um certo sabor, fica muito triste por já não ver o que vira no sonho.

Graviloff, menos extraordinário, faz agora, muito elegantemente, o papel de Nijinsky. A rapariga, criada pela Karzavina, mamã de recente data, coube à Lopukova, pequenina, infantil, e deliciosa no ar sonâmbulo com que pirueta, a dormir, o trecho ingénuo.

MANUEL DE SOUSA PINTO.



Schopenhauerade 1917
Lisboa

ALMADA